

a VOZ de MELGAÇO

CARLOS ANTONIO VAZ

Chefe da Redacção e Editor:

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA
Redacção e Administração interinas — Resid. Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão: «Empresa do Diário do Minho, L.ª» — Braga
Avença

Director e Administrador:

JULIO HILARIO VAZ

Custo da Assintura Anual: 30\$00
Assinatura Anual para o Estrangeiro: 70\$00

ANO XX — N.º 354

Melgaço, 1 de Junho de 1966

COM o número de hoje festejamos mais um ano de vida.

As casas pequenas, pelo facto de o serem, também têm o direito a registar esta efeméride, e a lembrá-la a quantos nos lêem.

Já lá vão uns anos...

O nosso jornal vive, e as lutas que travou deram-lhe, no público, as qualidades do vencedor: seriedade de métodos, lealdade de processos, e objectividade sem contestação.

Ao recordarmos os anos que ficam para trás, vem-nos à memória e ao coração todos aqueles que connosco viveram a primeira hora, ainda bastante recheada do idealismo moço; não estão ausentes os que partiram para a mansão dos justos;

FAZEMOS ANOS

vivem dentro de nós os que nos acompanharam até este dia; e não estão distantes os que nos forçaram a permanecer na primeira linha.

Já lá vão uns anos... e «A Voz de Melgaço» já tem história, história digna e, portanto, honrosa.

Para um jornal da Província, a sua existência comprova que tem servido os ideais que sempre se propôs defender.

Como desde a primeira hora ocupamos este lugar, somos testemunha autêntica da fidelidade do jornal aos objectivos que se propôs defender.

A monotonia e o desânimo não cabem em empreendimentos que servem a Deus, a Pátria e o nosso torrão natal.

Para todos os que connosco vivem este dia, desde a primeira hora, vai um abraço de gratidão; para os anunciantes e assinantes, a nossa amizade; para os colaboradores e correspondentes, a glória, que possa caber a este jornal pelo serviço que haja prestado à gente e à terra, que nos serviu de berço.

Júlio Vaz

CARTA AOS AMIGOS Melgacenses

Dinge, 21-5-66

Caros amigos Melgacenses:

Tomei a liberdade de escrever esta carta, para todos vós — em especial àqueles que se encontram a defender a integridade da Pátria, nas nossas Províncias Ultramarinas, não esquecendo, todos os emigrantes que se encontram espalhados pelo mundo a ganhar a sua vida e fazer que Melgaço, vá progredindo de dia para dia.

(Continua na 2.ª página)



FESTA DE SANTA RITA



Nivel melhorado

Houve uma época — e vamos lá que não deixou saudades — em que a nossa Imprensa Concelhia atravessou um período um tanto ou quanto para lastimar. Era naquele tempo em que lutas aceras de palavras nos traziam em pleno combate, cada um na defesa dos seus pontos de vista. Respeitando ideias, sabendo muito bem definir onde começava a nossa liberdade e acabava a dos outros, natural é que lhe tivéssemos dado a nossa quo-

(Continua na 2.ª página)

Realizou-se com o brilho de sempre em 29 e 30 de Maio

Ver na 3.ª pág.

Pela Igreja de Jesus

Mas isto é sublime!

Foi numa terra do Vietnam, onde a respectiva tribo é ainda muito primitiva, nos seus costumes.

E assim, quando a mãe morria de parto, seu filho, era enterrado vivo com ela.

Um dia, faleceu a mãe e a «irmã» interveio. Mas não pôde ser; deem-me o menino; eu o alimentarei; eu serei a sua mãe!

Havia ali umas poucas latas de leite condensado, e da primeira vez que o menino se serviu, fê-lo gulosamente, iam os a dizer. Outras latas chegaram e o menino foi-se alimentando e crescendo. Já estava muito lindo. E tanto que os vizinhos pedem para o levar de casa em casa... E já anda, já fala... E então que lindo! E foi uma irmã, lá longe, uma dessas muitas e heróicas irmãs que deixaram a sua casa, a sua terra e os seus bens, para ir lá ao longe, levar o sorriso de Jesus...

Que pequenos são aqueles dos nossos irmãos, que ao pe-

dir-se-lhes, para as missões, trazem ainda uma «esmola» (esmola!) ridícula.

Suponhamos que cada cristão, era realmente um outro Cristo, na sua vida, nas suas obras, o que é que o mundo seria?

E aquele costume cruel de se enterrarem os filhos com as mães, acabou, por meio dum religioso. Como isto é sublime!

O dia da mãe

Vamos contar uma cena que se passou ainda há pouco e que nos diz muito daquelas mães que, nas nossas casas, tanto se parecem com o Senhor Jesus, na irradiação do seu amor.

Foi na Itália. E aquela mãe não queria que seus filhos ofendessem a Jesus. E ia-lhes dizendo: — ó meus filhos, ce um dia vos virdes em graves dificuldades, rezai, rezai e cantai este cântico: a Nossa Senhora. E foi o ensinando a todos

(Continua na 4.ª página)

Carta aos amigos Melgacenses

(Continuação da 1.ª página)

Tenho a dizer-vos, que me encontro em Angola, ao serviço da Pátria, no Distrito de Cabinda. Tanto eu, como os meus companheiros, estamos prestes a terminar, um novo capítulo da nossa vida.

Todos nós ao relembrar estes dois anos passados, em Cabinda, imos certamente encontrar um mar de recordações que jámais poderão ser esquecidas, pelas profundas e indestrutíveis raízes que em todos nós deixaram.

Etapa bastante dura na longa caminhada, que ainda temos à nossa frente, nela vivemos e ganhamos experiência e o saber que muitos não logram alcançar em longos anos.

Fizemos longas e extenuantes caminhadas, nas mais cruas condições que um homem pode suportar, desbravamos matas, abrimos picadas, contruimos pontões, combatemos sem tréguas o inimigo e oferecemos toda a nossa grandezca de alma, na forma como nos relacionamos com as populações amigas; nós, que sempre correspondemos a todos e tantos sacrificios que nos foram exigidos, com a mesma generosidade, o mesmo espírito desinteressado, a mesma Fé.

Sofremos, rimos e choramos nós, vivemos distantes dos nossos entes queridos e sentimos a amargura da saudade, conhecemos minutos de glória e momentos de desânimo.

Ganhamos a estima e gratidão das gentes boas e honestas, impusemos o nosso querer ao inimigo e cimentamos aqui as nossas mais profundas amizades.

Nós sabemos que o nosso sacrificio não foi em vão e desejaremos que amanhã os nossos filhos com mesmo valor e honra, mantenham integra a magnifica ténpera de soldados de que deemos exemplo, para que este pedaço de terra que defendemos e onde, para sempre ficaram alguns dos nossos tão queridos companheiros, se mantenha por séculos fora, a ser Terra de Portugal, e continuem eles, como nós, a bem merecer da gratidão da Pátria.

Melgacenses, digo-vos tudo isto, para que saibais dar o valor a todo o soldado Português, e dardes sempre o apoio às nossas Províncias Ultramarinas.

Podeis gritar bem alto, que Angola e restantes províncias, serão sempre Portuguesas.

Mostremos assim ao mundo em especial áqueles que nos querem tirar aquilo que é nosso há séculos e nos pertence, e continuará a pertencer.

E nós, estaremos, sempre atentos e prontos, a dar a nossa própria vida se fór necessário, para que as Províncias Portuguesas continuem a ser através dos séculos sempre Portugal.

Sem mais me despeço enviando-vos um saudoso e apertado abraço deste vosso amigo que breve regressará a sua terra natal

1.º Cabo-Rádio-Telegrafista

Arnaldo Adélio Fernandes

Nivel melhorado

(Continuação da 1.ª página)

ta parte de actividade, o apoio a uns, com o contrário a outros, segundo a consciência e a voz da inteligência.

De considerar os pensares de quem quer que fosse, tão respeitáveis como os nossos, especialmente quando se pretende ser respeitado porque, estamos certos, cada um se bateu pelo que lhe parecendo melhor era o que apontava e onde convergia o seu entusiasmo na convicção do bem, do óptimo e do mais são.

Tudo teve o seu fim, o que é verdadeiramente lógico.

O conceito de aprovação dado pelos que nos acompanharam, deu-nos a certeza de nem sempre termos errado.

O que ora se prova, é que em paz se trabalha melhor. Assim é que, folheando agora o nosso Jornal, por exemplo, áparte uma ou outra irreverência própria do entusiasmo com que se toma mais ou menos a peito este ou aquele ponto de vista, passamos a constatar que se focam os mais variados problemas, desde os históricos, até aos mais comensinhos.

Se encara e vive a ilusão dum turismo salvador que de tanta coisa necessita no âmbito dos chamados atractivos e especialmente no de unidades hoteleiras sem as quais, nada se pode fazer. Nós agradecemos.

Aguardamos a expectativa convertida em realidade, dum Hospital digno, capaz e à altura não só do meio, mas para os que nele trabalham, desde os dando-lhe corpo, o administram, áqueles que nele aplicam com o maior desvelo, boa vontade e até desinteresse os conhecimentos profissionais tão duramente obtidos e uma prática continua e porfiada de longos anos de sacerdocio.

Se enaltece o valor dos nossos emigrantes, esses novos bandeirantes dum nova gesta, muitos que à Pátria pagaram e deram generosamente o seu sacrificio de bons melgacenses e portugueses, nós envidecemos-nos com o brio dos nossos rapazes que tão heróica e destemidamente se têm batido no Ultramar pela continuação e perenidade de todos «os melgacenses» que se estendem áquem e além-mar.

Se pensa em perpetuar no granito ou no bronze os feitos de armas dos seus filhos, gesto tão merecido e dívida em aberto a tantos que desde os tempos do Rei Fundador aos marcos miliares da actualidade escrevem com o sangue das próprias veias o nome de Portugal;

Se espera da patriótica e benemérita Liga dos Combatentes, tendo presentemente à frente dos seus destinos uma prestigiosissima figura de militar que é o General Afonso Botelho, a quem somos deve-

dor dum dos mais elegantes gestos havido para com a nossa pessoa: — nada mais, nada menos, que a honrosa transcrição dum artigo nosso, de Justiça à patriótica, útil e valente GNR, na «Ordem Geral», do seu Quartel General, recordando ainda com satisfação, uma boa hora que nos concedeu no Comando Geral, quando lhe foram agradecer tão carinhosa manifestação, como imerecida transcrição;

Se espera outra palavra da Edilidade responsável e de todos, que não somos demais, quando se atingem estes pontos, não há dúvida que estamos perante coisas novas e novas viragens, a começar até por uma mocidade que acorre às nossas colunas, estuante de entusiasmo sincero, ávida de trabalhar e produzir.

Pensando bem e isto não quer dizer que se preciso não se volte à luta se as circunstâncias a impuserem, levamos a crer que trilhamos bom caminho, que se fez apostolado regionalista, que continuamos a ser dignos da reunião histórica da há tantos anos já, moços então, numa das salas do Hospital da Santa Casa.

E na verdade, quando ora se comemoram os tais quarenta anos duma «Revolução», com defeitos e virtudes, podemos afirmar que fizemos e fazemos «28 de Maio», pedindo a Deus que nos ilumine para perseverarmos a bem da Nação e da «pátria pequena».

DR. ABEL VARELA E SEIXAS

NOTÍCIAS DE S. PAULO, 15

«A Voz de Melgaço», e aos meus conterrâneos abraços-os, com a mais acrisolada amizade.

Nesta cidade de São Paulo uniram-se pelos laços matrimoniais em 30 de Abril de 1966, o sr. Carlos Augusto Alves, filho do sr. Augusto Alves e da sra. D. Júlia Margarida Esteves do lugar da Marga, Cristoval, com a S.ta Isabel Alves.

Estiveram presentes às cerimónias os srs. Armindo Esteves e o sr. Manuel Melcero do Ramo e sr. José Lourenço.

Desleixo criminoso

No último número do nosso jornal não dissemos por lapsos que o artigo «Desleixo Criminoso» fora transcrito do nosso colega local, do que pedimos desculpa.

Gri... gri... gri

QUEM DIZ QUE MELGAÇO NÃO PROGRIDE?

Há 50 anos, Melgaço não tinha uma cadeia própria para seres humanos, pequenos ou grandes delinquentes. O que tinha, e servia para isso, era o rés-do-chão mais baixo que o nível da rua, com grades de ferro, da grossura enorme, servindo mais para jaulas de tigres ou leões, que, por mais rijos e cortantes que seus dentes fossem, impossível lhes seria libertarem-se de tal prisão, e hoje temos uma cadeia, como em qualquer terra civilizada.

Temos a escola que é um adorno da Vila, mas, se a abertura e colectamentos da rua que a ela nos conduz levar tanto tempo como levou a sua construção, estamos bem arranjados.

Há mais de 2 anos, temos nesta secção a necessidade de dactilar o Largo «H. Solheiro» com mais alguns bancos, e, até hoje... nada. Por falta de verba? Ora vámos lá: se eu, para possuir uma espingarda; se, para ter um carro de bois; se quero ter o meu cão, preciso estar munido das respectivas licenças, porque não hei-de de ser obrigado, que tendo possuir um gato?

Havendo talvez, em todo o concelho, cerca de 2000 gatos, a 10\$00 cada um, já teriamos a verba necessária para fazer face a tais despesas.

E que bom seria agora que, com este calor, as tilias chamam por nós, para nos abrigarem com a sua fresca sombra, e, mais tarde, nos convidam a aproximarmos-nos, para nos deliciar com o perfume agradabilissimo das suas flores!

Venha a licença para os gatos!

GRILLO

Paços, 20

Falecimento — Com a idade de 77 anos, faleceu, depois de muito sofrer, o nosso amigo Camilo Fernandes de Azeré.

Para fazerem ideia do sofrimento dos últimos 35 dias de vida, vejam um homem sem febre, e portanto, com apetite de comer e beber, mas, quando qualquer substância, mesmo insignificante, chegasse ao estômago, tinha de imediatamente sair, aos vômitos.

Foi o cancro, à entrada do estômago, que o matou.

A Festa de Santa Rita

decorreu com o brilho de sempre

Alcandorada na serra de Fiães, contraforte da da Peneda, a igreja da «Santa dos Impossíveis» atraiu mais uma vez, este ano, inúmeros fiéis que para lá foram de novenas, idos de bastante longe, dos concelhos vizinhos. No entanto, a afluência mais numerosa foi especialmente no domingo, dia 29 e na segunda-feira, dado que a festa se realiza em dois dias.

A devoção à santa já grande tornou-se geral após o êxodo de emigrantes que daqui vão para terras estranhas e, antes de partir, fazem promessas que ao depois vêm cumprir ou em pessoa ou por intermédio das famílias. Não admira por isso que novo surto de piedade viesse movimentar o local de há uns anos para cá e fizesse dele um lugar de visita obrigatória, até para aqueles que pretendam só admirar paisagens de beleza ímpar ou desfrutar as delícias dum lugar paradisíaco. Aliás quem suba por este lado da serra e ao depois desça pela Agueira indo por Fiães tem oportunidade de ver um dos sítios mais belos do mundo, a tal ponto a Natureza caprichou em mimosear o local.

Claro que não podemos silenciar o facto de estar em marcha um plano de transformação do lugar, valorizando-o imenso de baixo do ponto de vista social e assistencial, porquanto ali se ergue um edifício destinado a receber os diminuídos físicos e mentais que for possível e para o qual já as entidades oficiais, depois de ouvidas, deram as mais generosas promessas.

Todas estas razões criaram em redor do lugar uma simpatia e uma perspectiva que de ano para ano, se firma e desenvolve, permitindo augurar um futuro cheio de promessas para o lugar, ontem quase ermo e hoje visitado ao longo do ano por muitos devotos e, no verão, quase todos os dias, sendo numerosos os que ali vão para cumprir promessas ou para pedir graças e favores.

As enchenches, no entanto, repita-se, coincidem com o domingo do Espírito Santo e com a segunda. A festa torna-se de ano para ano mais rica espiritualmente e os romeiros podem ob-

servar como os edifícios em construção se levantam sobre o vale bonito e fantástico do Minho.

O auge da festa foi na segunda-feira, dia 30. Havia missa solene, em que actuava o coro de Teologia do Seminário de Orense e pregava o Senhor D. Abade de Singeverga. Cantaria a missa da festa Mons. Mouta Reis, reitor do Seminário de Braga.

Festa profundamente religiosa, os devotos acodem sobretudo de manhã até à saída da procissão. Por isso, a igreja se encheu durante a missa solene cantada por Mons. Mouta Reis, acolitado pelos srs. PP. Carlos Nuno e António Esteves.

Como sempre, a Schola do Seminário de Teologia de Orense foi um mimo de beleza e de graça, que todos ouvimos com aprazimento e com enlevo.



SANTA RITA

No momento próprio, subiu ao púlpito o Senhor D. Abade de Singeverga, que falou com grande piedade da «Santa dos Impossíveis». Logo após, saía a procissão que torricolou pelas veredas da serra, ou, melhor, da igreja à estrada e pela estrada acima, até dar volta novamente para a igreja.

Aquela massa de gente encorפורou-se nela dando ao acto reli-

gioso a beleza dos grandes dias solenes.

O almoço deu ensejo para ouvir os teólogos descontraídos interpretar bonitas canções do folclore espanhol e, no final, o Sr. P. Carlos Vaz agradeceu aos srs. D. Abade de Singeverga e Mons. Mouta Reis, bem como aos alunos de Orense, o brilho dado às solenidades. Lamentou que o Senhor Bispo de Orense tivesse de ir a Madrid para a reunião do Episcopado, pois tinha prometido assistir e seria viva alegria para todos poderem recebê-lo.

Cantinho

DOS NOSSOS ASSINANTES

Novos assinantes

Fernando de Sousa, José Domingues e António Esteves.

Mudanças

Se houver alguma falha, é favor avisar para que tudo corra bem no futuro.

Assinaturas pagas

Novos assinantes. — Antes de publicar a lista, uma explicação: há bastante tempo que não contactamos com os nossos queridos assinantes publicando o movimento de assinaturas, mudanças e pagamentos como era costume. Outros afazeres nos levaram o tempo, pelo que só hoje nos é possível retomar esse encargo.

Comecemos então pela rubrica «Novos Assinantes». Deram-nos o prazer de assinar o jornal os srs. Jáime Afonso, Martins Elias, Luís António Faria, Manuel Carvalho, Tenente Armando de Magalhães e António da Silva Lopes.

Gratos pela atenção e que seja por muito tempo.

Mudanças. — Já procedemos às mudanças de direcção pedidas pelos srs. Capitão Alcino Alberto Vieira, Horácio César de Oliveira, António Pocinho, José Alves, Américo Alves, Amadeu Augusto Alves, António de Freitas, José António dos Anjos, Manuel Augusto Lopes,

Antigalhas melgacenses

FIÃES DE PARABÉNS

O nosso concelho tem uma história rica mas ainda desconhecida nos pormenores. Um dos monumentos que citamos como dos mais antigos e característicos é o convento de Fiães, hoje sombra do que foi, mas, ainda assim, quanto à igreja, a única relíquia dos esplendores de antanho, uma das mais belas e mais chegadas ao estilo cisterciense.

Afirma-se que ele remonta a 750. Historicamente, não será muito fácil a prova até que se possam ler os documentos do Cartulário de Fiães, os 3 primeiros volumes, existentes na Torre do Tombo, dado que o quarto está na Biblioteca de Braga.

Oxalá alguém com tempo e preparação tivesse a coragem de reler esses 3 livros na mira de elementos históricos comprovativos da antiguidade do mosteiro, se ele a tem, é evidente, tal como sucedeu com o «Liber Fidei», de Braga, hoje em vernáculo e, por isso, ao alcance de todos os curiosos, que a estes estudos se dedicam.

No entanto e seguindo o que ocorreu nos demais mosteiros beneditinos da Península, seme-

lhantes a este no lugar em que foram erguidos, ermos e afastados dos sítios povoados, nada custa aceitar que ele remonte a tão pristina data mas como ermitério. Efectivamente, o que sucedeu foi o seguinte: um que outro fiel, desejoso de dialogar com Deus, só e isolado do mundo, escolhia sítios como este, apenas habitado pelas feras e animais bravios. Outros se vinham juntar a ele ou a eles trazidos pela fama das suas virtudes. Em breve o ermitério se tornava convento beneditino; logo após a reforma de S. Bernardo, virava cisterciense como sucedeu ao de Fiães.

Hoje, a partir de certa data, não é mais possível duvidar de factos e de acontecimentos, pois a lenda foi varrida pela história. E a história de Fiães começa com os Cartulários atrás referidos, que ainda estão por folhear e pelos documentos ora vindos a público relativos aos mosteiros de Cister da Península.

Sabe-se hoje quais eram os que existiam e onde se erguiam; a data em que passaram para a observância de Cister e a que transformações foram obrigados a sujeitar-se para poderem merecer a honra de considerar a S. Bernardo seu reformador.

Fiães pediu a reforma em 1194, através do de Tarouca. Por sua vez, mais tarde, para estar mais perto do mosteiro cisterciense de Bouro, Amares, teve necessidade de construir o convento minúsculo de Ermelo. Deste modo, o correio deste convento para os demais seguia pela serra até àquela freguesia e dali para Bouro, transitando ao depois para os restantes do país, cuja lista é agora conhecida e já publicada.

Curioso é verificar também os mosteiros que se erguem junto do rio Minho, na Galiza, e por eles, avaliar qual o caminho que poderiam ter seguido os correios vindos de Claraval com ordem de passarem duns aos outros mosteiros dispersos pela Península.

A aceitar com certa a data atrás referida, a da reforma do convento de Fiães em 1194, teremos de considerar muitos anos antes de vida religiosa montada e defendida. Se aceitarmos a fase do ermitério, nada custa admitir que a fundação do convento vá até tão longe, a 750, mais ano menos ano.

Como quer que seja e ainda quando todas as hipóteses sejam possíveis onde não há documentos, o certo é que Fiães, como história, remonta a muito alto e só temos que nos alegrar com isso.

Mas voltaremos ao assunto, que aliás é muito curioso.

A. Luís Vaz

Assinantes

do Estrangeiro

Voltamos a insistir no pedido aqui feito por diversas vezes nos últimos tempos: pagamento da assinatura em débito.

Gastamos só em despesas do correio para o envio normal do jornal mais de 2.000\$00 por ano. Com as despesas que teríamos de fazer para efectuar a cobrança no estrangeiro, o preço da assinatura ficaria para os srs. assinantes quase proibitivo. Por isso, o único remédio será efectuar o pagamento directo na Rua da Calçada, Melgaço, ou teremos que suspender alguns jornais, pois há anos que não dão conta do seu débito.

CARTA DA VILA

FESTA DA ASCENSAO EM HONRA DE N. SENHORA DA ORADA — Nos passados dias 18 e 19, realizou-se nesta vila a tradicional festa da Ascensão em honra de Nossa Senhora da Orada, que constou do seguinte programa: No dia 18 ao meio dia, uma girândola de foguetes anunciou o começo da festividade; às 21 horas magestosa procissão de velas, onde foi conduzida a imagem de N. S. da Orada, da sua capela para a Igreja Matriz. No dia 19 ao romper do dia, uma salva de 21 tiros anunciou a continuação da festividade; às 9 horas deu entrada a Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Arcos de Valdevez, que na Praça da República executou o seu primeiro concerto; às 11 horas missa solene, a grande instrumental, onde subiu ao púlpito o Rev. P.e Manuel Torre, pároco da freguesia de Valadares—Monção; às 15 horas saiu da Igreja Matriz uma magestosa procissão, que conduziu a imagem de N. S. da Orada à sua multi-secular capela. Durante a tarde, arraial, abrilhantado pela referida Banda, no apreziel local de Nossa Senhora da Orada.

As festas do Concelho realizam-se nos dias 29, 30 e 31 de Julho, cuja Comissão, além da Banda da G. N. R. do Porto e da Banda de Gueifães da Maia fechou também contrato com a Fanfara dos Bombeiros de Barcelinhos que, fará a guarda de honra na missa solene e procissão. Estarão também presentes nas referidas festas Ranchos Folclóricos, haverá Concurso Pecuarío, boas ornamentações, iluminações, sessões de fogo de artifício, parques de diversões com todos os atractivos de grandes romarias e uma imponente procissão com grande número de figurado.

PROCISSAO DE VELAS DE NOSSA SENHORA DE FATIMA — No passado dia 12, como nos anos anteriores, saiu da Igreja Matriz uma luzida procissão de velas em honra de Nossa Senhora de Fátima, que percorreu as principais ruas da vila, com a comparação de muitos fiéis que nela se incorporaram, tendo-se no percurso, cantado o terço e cânticos à Virgem, e na chegada à Igreja Matriz, pelo Rev. P.e Justino Domingues, pároco da vila, foi dada a bênção do Santíssimo Sacramento.

DELIVRANCE — Numa Casa de Saúde da cidade de Ontário (Canadá), teve no passado dia 4 de Março a sua feliz delivrance, dando à luz um lindo menino, a nossa conterrânea sr.a Luísa de Fátima Afonso da Rocha, esposa do nosso amigo sr. Abel Mâncio Nabeiro da Rocha.

O baptizado do neófito realizou-se no passado dia 24 do mês findo, sendo padrinhos o tio paterno sr. José Joaquim Nabeiro da Rocha e esposa sr.a Maria Isabel Ribeiro Antunes da Rocha, também residentes em Toronto.

Ao recém-cristão, a quem foi posto o nome de Abel Afonso da Rocha, desejamos as maiores felicidades e a seus pais e toda a família, os nossos sinceros parabéns.

APOSENTAÇÃO — Por ter atingido o limite de idade, deixa no próximo dia 7 de Julho, de exercer o cargo de Chefe de Fiscalização dos Impostos da Câmara Municipal deste concelho o nosso amigo e conterrâneo sr. António de Araújo.

Continua na 6.ª página

Por Santa Rita, 28

Pois já estamos em plena novena. Os trabalhos agrícolas não deixaram que fosse aquilo que todos desejamos, mas graças a Deus. Aqui estão alguns devotos de longe, de Ribã do Mouro, de Flães, da Vila, de Paderne, etc, etc.

Tem havido muitas comunhões e espera-se que no próximo domingo e segunda-feira, dias grandes, cá na terra, sejam muitos os que se aproximem da Mesa Eucarística. E assim deve ser. Os santuários que temos pelo Minho tem de ser eucarísticos, já que tudo nos deve levar a Jesus.

As ofertas não tem sido muitas, o que não admira, em virtude da proximidade da festa. Registamos mais: da Srna. Maria Herminia, de Paço, 25\$00; de uma Senhora da vila, por intermédio do Sr. Padre Justino, 5\$00; da filha da Srna. Noémia, de Surribas, ausente em França, 1.000 francos, da Srna. Ricardina Reis, da Granja, São Paio, 100\$00, de uma senhora dos Perses, mais 50\$00; da Srna. D. Claudina Gomes, de Remoães, 50\$00; da Srna. Albertina Barreiros, da Picota, 100\$00; da menina Maria Ester, filha duma caseira, que um coração de ouro recolheu em sua casa e vai criando, como sua filha, 20\$00 e do menino Fernando José, também da Quinta, 20\$00, da Srna. Maria de Lurdes da Castro, de Oleiros, 20\$00, do Sr. Manuel Fernandes, guarda-florestal em Teiras, 100\$00; da Srna. Maria Afonso, de Porbelinha, 10.000 francos; da Srna. Maria da Conceição Soares, de Cavaleiro Alvo, 40\$00, da Srna. Teresa Gomes, de Sante, 100\$00. E graças a Deus.

Dr. Alexandre Amorim
Advogado

Herculano Lima da Silva
Solicitador
Com escritório nesta vila

Dr. Rodrigo Moura
Advogado
Manuel António Ribeiro
solicitador

Largo Hermenegildo Solheiro
Telef. 42211 — MELGAÇO

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos: hoje, D. Ermelinda Fernandes de Faro e Rocha, e Agostinho Alves; no dia 4, José Augusto Ribeiro; no dia 5, o rev.do padre Justino Domingues e Cláudio da Rocha; no dia 9, D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e Alberto José de Caldas; no dia 10, D. Carolina Augusta Gonçalves de Carvalho e Luis Henrique das Neves Pinheiro; no dia 12, Rosa de Lurdes Cal-

MOEDAS DE PRATA

Até 30 de Julho de 1966 toda a moeda de prata de 10\$00 em circulação, poderá ser trocada na Tesouraria da Fazenda Pública local.

das; no dia 13, a menina Julieta da Conceição Nóvoas; no dia 14, António Fernandes (Penso) e Lindoso Solheiro de Oliveira; no dia 15, o eng.º Edgar Tito Pinto Ribeiro.

Banco Fernandes de Magalhães

PORTO

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 23 a 39
Telex., 755 MAGA-PORTO — End. Teleg., MAGA
Telefones, 28241 (5 linhas)

DEPENDENCIAS

R. Sá da Bandeira, 17 a 19 — Telef. 28241

« S. BENTO » Rua das Flores, 332 Telef. 21861

« BONFIM » P. Almeida Garrete, 6 Telef. 28241
Rua Fernandes Tomás 53452
(Edifício Ouro)

CORRESPONDENTES

em todo o País, Ilhas, Ultramar e no Estrangeiro

UMA DAS MAIS ANTIGAS ORGANIZAÇÕES
BANCARIAS DO PAIS

Viagens para França

SAIDAS TODAS AS SEMANAS

MELGAÇO-PARIS Segundas e Quintas
PARIS-MELGAÇO Segundas e Quintas

Informações:

Melgaço: João Hilário Gonçalves
Casa Samaritana — Telefone 42308

Monção: José Torres
Escritório da Auto Viação Melgaço
Telefone — 106

Arcos de Valdevez: Salvador Alves Pereira
Garagem Salvador — Telef. 45116

Paris:

Agence Centrale
37 Bd. Henri IV — Paris 4.
Telefone 272.65.24 — Métro Bastille

RENOVAMOS

A CADA DIA

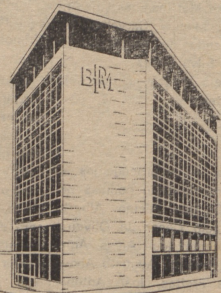
A NOSSA TRADIÇÃO

DE BONS SERVIÇOS

CORRESPONDENTE NO BRASIL

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

Rua do Ouvidor, 86 — Rio de Janeiro



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA

AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ — CHAVES
— COVA DA PIEDADE — ELVAS — PENICHE
— TOMAR — VILA DA FEIRA — FÁTIMA

Correspondência DE PRADO

Tempo e Agricultura. O tempo tem estado magnífico, parece um autentico mês de Agosto, vêem-se as ramadas adornando estas lindas parcelas de terreno do «Alto Minho», estão quase terminadas as sementeadas do Milho feição próprio desta época, graças ao auxílio de máquinas agrícolas as quais têm substituído as lavradas feitas por processos, antiquados, onde eram empregadas dezenas de pessoas a plear a terra e os bois arrastando o arado, pena é que não haja ainda tratores que pudessem lavar as pequenas parcelas de terreno que existem nesta região, que fossem mais estreitos e mais curtos. Se assim fossem seria o ideal já não dava origem a muitas pessoas ignorantes, se incomodarem com a passagem de qualquer máquina agrícola lhe passasse por um monte onde nada prejudica, mais prejudicados são aqueles, que para utilizar os actuaes tractores, se viram obrigados a cortar videsiras e alargaram caminhos à sua custa, estes sim são dignos dos maiores elogios, vêem na sua frente o progresso da agricultura, que em qualquer país tão necessário se torna. Seria o ideal, que houvesse a união de todos, auxiliando-os mutuamente, para assim conseguirmos o fim desejado, não deixando por cultivar um simples palmo de terra qual fica exposta em anfiteatro, não dá só rendimento desejado como também adorna esta tão linda terra onde principia a Nação Portuguesa, tão admirada por todos aqueles que nos visitam.

—Viticultura — A vinha está magnífica, se o ano assim continuar vamos ter um ano abundante, tudo trata a vinha com a maior força de vontade, vêem-se mulheres e velhos com a máquina às costas, empregando a sua actividade embora de avançada idade, com o fim de auxiliar seus maridos e filhos que longe dos seus lutam para conseguirem economias e com elas aumentarem o seu património na sua terra natal, todos estes exemplos são dignos dos maiores louvores!

Os seus pais de avançada idade que não emigram, mães e filhas cá os esperam de braços abertos, trabalhando sempre para no fim do ano os apresentarem com os proventos dos seus esforços.

—Águas Minerais — E' nesta região que a natureza dotou as magnificas águas medecinaes de Melgaço!... Tão apreciadas e procuradas onde centenas de doentes, vem conseguir as suas curas, tanto do nosso país como do estrangeiro; a tudo faz bem, é aqui que aqueles que sofrem de diabetes e de outros sofrimentos, não deixam de vir todos os anos instalar-se nos magnificos hotéis e pensões que há mais de um século alguns existem. Não só vem fazer curas aos seus males, com as águas minerais, mas também respirar os excelentes ares puros, e admirar as belezas desta terra que é digna de ser visitada, todo o que vem a primeira vez nunca mais deixa de cá vir, instala-se nas Pensões e Hotéis, não vai repousar sem

primeiro ir apreciar o seu copinho de água as Fontes do Jial que fica uma à direita e outra à esquerda no caminho que segue até ao Convento de Paderne, tendo o seu início no Peso.

M. S.

Pela Igreja de Jesus

(Continuação da 1.ª página.)

os filhos. Era um lindo cántico a Nossa Senhora.

Pois bem, um deles, resolve ser sacerdote missionário. Foi estudar e quando os Superiores assim o entenderam, mandam-no para a China. Ali foi um grande missionário de Deus junto da sua nova comunidade. Como crescia ali o reino de Deus, a vida da Graça!

Mas veio o comunismo e foi preso, como espião. (Também os adversários do Senhor ainda pouco adiantaram: — este havia de ser como espião). Na cela continua a trabalhar como sacerdote, levando a paz e a alegria aos seus companheiros de prisão. Um dia, confessou alguns dos presos. Foi denunciado e o Chefe fê-lo ir ao seu gabinete e intimou-o a dizer o que ouvia na confissão. — Que não; nada podia revelar. — Pois volta à tua cela. Amanhã dirás o que ouviste.

O sacerdote na sua cela, com semanas a fio de má alimentação, de horribes sofrimentos, pensa no que será o interrogatório. E tem uma lembrança: — puxa da lâmina, de que se servia para fazer a barba e corta a sua língua. Corre o sangue. Acodem os enfermeiros e o sangue estanca. E no dia seguinte, quando o missionário é intimado a voltar ao gabinete do chefe, ele aparece, mas já não pode falar. E também o Senhor Lhe daria toda a coragem, para nada escrever.

O chefe esse fica horrorizado, com o que vê. Comunicado aos Superiores e o missionário é expulso para a sua terra.

De volta à sua Pátria, vai procurar a sua mãe. Mas não podia falar. Os seus beijos e os seus abraços fariam tudo. E quando chega à sua humilde casinha, lá estava ela a sua querida Mãe, que já há muito não via.

Aproximou-se, fez sinais, e no entanto a mãe não o reconheceu... E então o filho canta, canta como pode, o velho cántico que sua mãe lhe ensinara.

Ah meu filho, és tu? — Como te puzeram?

E o filho escreve o que lhe fizeram lá nessa longínqua China, quando vivia numa horrível masmorra.

Oh! as nossas mães

Pois foi no domingo passado, que os filhos, na nossa terra, prestaram homenagem a Suas Mães.

CRISTÓVAL, 28

Festa em honra de Nossa Senhora de Fátima: — No passado dia 13 do corrente mês, realizou-se no Santuário do Facho, nesta Freguesia, a costumada festa em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Foi muito concorrida, especialmente de povo espanhol, que vinham nos automóveis, em carros de transporte colectivo, e a pé, alguns pagar as suas promessas, com velas da sua altura e amortalhadas.

Segundo nos informam, havia muitos tendeiros de Braga e arredores, vendendo os seus variados objectos, tendo feito bons negócios.

—Fomos informados que, ali para o lado das Granjas, Freguesia de Paços, foram há poucos dias, pescados 3 bons salmões, o que é caso raro, nesta época.

Igualmente há poucos dias, foi pescado, na foz do Rio Deba — Espanha — à cana, outro exemplar da mesma espécie o que causou grande admiração por ser apanhado ao anzol. Parece impossível, mas é um facto.

Penha é, que com a construção das barragens hidroelétricas, estas espécies tão raras e apreciadas, sejam totalmente impedidas de subir o Rio Minho, tão rico em exemplares desta natureza, em relação a outros rios.

Parada do Monte, 26

Festa em honra de S. António

— Foi no dia 19 que se realizou a festa em honra de S. António. As 11 horas principiou a missa da festa. A hora própria subiu ao púlpito o Sr. P. e de Cubalhão, que com a sua palavra fluente muito agradou. No fim da missa saíu uma imponente procissão que percorreu o itinerário do costume.

De tarde houve arraial tocando o alto-falante e a música até às 6 horas da tarde.

—Viajante — Vindo do Rio de Janeiro, Brasil, chegou a esta freguesia, o nosso grande amigo e proprietário naquela terra, o sr. Justino Alves, que havia anos que estava naquela terra, sem vir cá. Ao nosso amigo desejamos que passe por cá uns meses alegres na companhia dos seus, são os voos sinceros que fazemos.

—Vindos de França chegaram os srs. José Augusto Pereira e Manuel Pereira.

—Para França partiram os srs. José Esteves, Salvador Rodrigues, José Pires, José Vieites, Salvador Esteves, Justino Pires, Manuel Pires e José Rodrigues.

O tempo e a agricultura — Após algum tempo de chuva, chegou o bom tempo. Pois agora vai um tempo maravilhoso.

Anda-se na sulfatagem das vinhas e também já principiam as sachas dos milhos. — C.

—Regresso do Hospital: — Depois de ter sido operado, já se encontra em sua casa em Covide, o sr. Guilhermino Cândido Ribeiro. Desejámos-lhe rápidas melhoras, e oxalá não seja necessário, voltar a ser operado, pois conforme noticiámos já foi a segunda intervenção cirúrgica que sofreu.

Exomeração de cargo: — A seu pedido, vai ser exomorado das funções de administrador de aduanas, o sr. Dr. António Navarro Guardiola, actual administrador da Alfândega espanhola, em Puente Bargas.

Segundo nos informam, correu para intervirer de obras, da Câmara de Marim.

—Oficial nomeado para prestar serviços na Guarda Nacional Republicana: — Foi nomeado para prestar serviço na G. N. R., o nos o amigo e colaborador deste jornal sr. Alberto de Castro, como tenente.

Rouças, 13

(Atrasada na Redacção)

Está a preparar-se tudo, para que a festa de Santa Rita resulte brilhante como se espera. É pena que a nossa estrada ofereça um aspecto tão desagradável, quando esperamos a vinda aqui de muitosromeiros de longe e de perto. Espera-se entre eles o Senhor Bispo de Orense, 40 teólogos daquela cidade, etc. etc. e terão de passar uma estrada que se encontra em lamentável estado. Que pena fazerem-se as coisas para depois se encontrarem assim...

—Há dias, uma criança da nossa freguesia foi convidada por um cigano a juntar-se a outra criança, para com elas brincar. E a gente ficou aqui depois a pensar que ali haveria um gesto criminoso. A criança não foi, é certo, mas foi pena que os pais não levassem à Autoridade esta notícia, para possíveis procedimentos. E ainda hoje se perguntam: — por que seria o convite?

—Encontram-se um pouco doentes os nossos amigos srs. Júlio e Manuel Chilo, de Paço, o que todos lamentamos, pois são pessoas aqui muito queridas na nossa freguesia. Desejámos-lhes rápidas melhoras.

—As autoridades civis da nossa freguesia tem envidado todos os esforços, para que se façam este ano os fontenários da freguesia, para os quais o Ministério das Obras Públicas faz as devidas dotações. Oxalá que não haja falta, pois há água limpa numa terra e é de toda a necessidade.

Bem hajam pois as autoridades.

—Ha dias o Pernidelo estava branquinha, coberta de neve.

UMA LIÇÃO DA GALIZA

(Continuação da 6.ª página)

Resultado deste investimento: na cidade de Orense havia, ultimamente, quatro mil andares devolutos.

Este fenómeno torna-se mais palpável se nos lembrarmos de que a Câmara de Comércio e Indústria criou um grupo para investimentos, ou seja uma sociedade, com o objectivo de aplicar os capitais em indústrias de possibilidade económica garantida.

A iniciativa não chegou a nascer.

Estas as realidades. Importa, no entanto, avançar para bem da economia nacional. Como o conseguir?

As grandes revoluções, sobretudo quando têm de vencer a rotina, a ignorância e a desconfiança, levam muito tempo a produzir-se. E o caminho a encetar é, com toda a evidência, o da modificação de estruturas e de mentalidades.

E na vizinha provincia da Galiza já se começou a trilhar esse caminho.

Remédios a aplicar

Terminamos a nossa digressão por terras da Galiza, na provincia de Orense, tão semelhante ao nosso Minho, na geografia e na vida das gentes.

Dissemos que a emigração é um rio caudaloso de dinheiro para a Provincia de Orense, e apesar de tudo esta provincia é uma das de nível económico mais baixo em Espanha.

Porquê? Porque o emigrante guarda o dinheiro no investido em prédios, estando milhares de andares devolutos na cidade de Orense.

Ora a emigração não dura eternamente, e o emigrante, ao regressar à sua terra, será um operário especializado, com a sua casa nova, algum ou muito dinheiro mas sem ter onde investir o seu trabalho.

Que fazer? O trabalho será duplo: uma campanha tendente a mudar as estruturas económicas da Região, e outra campanha tendente a reformar a mentalidade do emigrante. É necessário convencer muitos emigrantes de que a riqueza se deve converter em capital, criador de novas fontes de riqueza e vitalidade da sociedade.

As entidades oficiais, por seu lado, estão a tratar algo de novo em ordem a aproveitar a Provincia de Orense para a riqueza que ela pode produzir: torná-la verdadeiramente agrícola e pecuária.

Neste sentido estão a proceder à drenagem da Lagoa de Autela, de nove mil hectares, à qual terão acesso os camponeses da Comarca, havendo já seicentos pedidos.

Pretendem, as Autoridades responsáveis, despertar o espírito de empresa e promover a riqueza em sentido moderno, e para o conseguirem impulsionam grandemente as cooperativas.

No nosso Minho, o problema emigratório produziu o mesmo efeito que em Orense: construíram-se muitas casas domésticas, gastou-se muito numa vida mais faustosa, e deposita-se na Caixa Económica.

Não se investe. A emigração tem sido fonte de divisas, mas — que paradoxo! — não tem sido fonte de riqueza!...

Júlio Vaz

CARTA DA VILA

(Continuação da 4.ª página)

Tem agora este nosso amigo o ensejo de permanecer todo o dia junto de sua estremeçada família a quem ele muito se dedica, e que durante a sua vida profissional, exerceu aquele cargo com muito zelo e competência. Ao nosso amigo, os nossos parabéns e oxalá que seja por muitos anos que goze a sua aposentação.

MALANDRIM?... OU LOUCO? — Chegou ao nosso conhecimento, que há dias na freguesia de Rouças, deste concelho, no lugar denominado Coto da Pena, quando uma criança mais ou menos de 9 anos de idade, que ia de sua casa a caminho da escola, foi agarrada brutalmente com fins inconfessáveis, por um malandrão que, não foi possível identificá-lo por se ter posto em fuga. Não sabemos qual a intenção que a «Férra Humana» teria no sentido nesse momento. Sabemos só unicamente, que a referida criança protestou em altos gritos e logo acorreram pessoas que andavam naquelas proximidades, mas quando ali chegaram, já o autor tinha transposto o caminho.

Não haverá maneira de quem de direito proceda a averiguações para prender esta fera... ou este louco... pondo-o a bom recato onde não possa ser prejudicial?

ANIVERSARIO — No passado dia 18, festejou em ambiente familiar o seu aniversário natalício, a menina Maria de Jesus Cavaco, natural de Évora, e residente nesta vila, filha do nosso amigo sr. António José Cavaco, chefe das oficinas de mecânicos da barragem da Frieira (Espanha) e da s.ra Laura Augusta Madeira Cavaco. A aniversariante, desejamos que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

FALECIMENTOS — Na sua residência do lugar da Assadura desta vila, faleceu no passado dia 15, confortada com todos os Sacramentos da Santa Igreja, a s.ra D. Isabel Gonçalves da Silva, natural de Caminha e aqui residente há muitos anos. A extinta, pessoa de espírito dinâmico e empreendedor, dotada de qualidades de carácter e de bondade que sempre a impuseram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio, finou-se com a idade de 73 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos a conheciam ou que com ela privavam.

Era casada com o sr. Constantino Silva, muito digno Sargento da Marinha, que durante muitos anos comandou o Posto de Melgaço, mãe do sr. Constantino Gonçalves da Silva, funcionário superior da Empresa Auto Viação Melgaço Lda e das senhoras Idalina Gonçalves da Silva Barros e Marcelina Gonçalves da Silva Cerdeira; sogra dos srs. Aurélio de Magalhães Barros, ajudante do Registo Predial e Luís Vicente Pires Cerdeira, proposto da Tesouraria da Fazenda Pública e da s.ra D. Maria do Carmo Meleiro da Silva e avó das meninas Ana Maria da Silva Barros, aluna do 4.º ano do Externato Local desta vila, Rosa Maria Meleiro da Silva, Maria Filomena Meleiro da Silva e Maria José da Silva Cerdeira.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte foi largamente concorrido, tendo-se incorporado no féretro muitas pessoas de todas as categorias sociais desta vila e de várias freguesias do concelho. Conduziu a chave da urna o sr. Artur Passos Teixeira.

—Confortada com todos os sacramentos da Igreja, faleceu na sua residência do lugar do Cortinhal, freguesia de Chaviães, no passado dia 25 a sr. D. Maria Lopes, viúva, de 98 anos de idade. A extinta que pelas suas qualidades de carácter e bondade era estimada por todos quantos a conheciam, era mãe dos srs. Amadeu Abílio Lopes, conceituado comerciante, capitalista na cidade do Rio de Janeiro e grende benemérito do hospital de Melgaço, casado com a s.ra D. Ulisseia Lopes, José Lopes e Abílio Lopes, também conceituados comerciantes no Rio de Janeiro e da s.ra Maria Lopes.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte foi largamente concorrido tendo-se incorporado no féretro muitas pessoas de todas as categorias sociais daquela freguesia e de outras deste concelho. A toda a família em luto apresentamos o nosso cartão de sentidos pésames.

—Há dias faleceu no hospital de S. Marcos da cidade de Braga o nosso conterrâneo sr. Artur Duque Barreiros, viúvo de 70 anos de idade, conceituado comerciante e Regedor da freguesia de Pademe deste concelho.

O extinto que pelas suas qualidades de carácter era geralmente estimado era pai da professora D. Maria Anésia Duque Barreiros e sogra do sr. eng.º Fernando Malheiro da Silva, residentes na cidade de Braga. O funeral do extinto realizou-se no dia se-

UMA LIÇÃO DA GALIZA

PARA OS NOSSOS EMIGRANTES

A Província da Galiza é na sua geografia e sociologia irmã do nosso Minho.

Aliás o rio que nos deu o nome também o deu a parte da província da Galiza.

A província de Orense que confronta com o Minho em larga extensão ofereceu-nos — assim o julgamos — paralelos admiráveis com a nossa região. Fizemos uma digressão turística por Orense e sua província, e notamos que tem uma grande semelhança conosco. Só na paisagem?

Não. Também no aspecto humano e actividades económicas. Quem avista a cidade de Orense do alto do seu seminário, admira-se da grandeza e majestade da cidade, a que os romanos chamaram *Aguas calidas*, por causa das célebres *burgas*; águas quentes que quatro bocas vomitam em caudal no centro da cidade.

Se na cidade, entrarmos nos seus *banco*s veremos que ali há enormes depósitos de dinheiro. Quer isto dizer — aspecto grandioso da cidade e grandes depósitos bancários — que os habitantes desta província vivem bem?

Infelizmente esses dois elementos não evitam a terrível verdade das estatísticas: Orense é uma das três províncias de Espanha com o nível de vida mais baixo. Como explicar esse facto? Aqui está a curiosidade da nos-

sa visita a essa província raiana. A província de Orense tem a sua riqueza fundamental na agricultura e na pecuária.

Ora a exploração dessas duas fontes de riqueza faz-se não com forma e espírito de empresa, mas como obra de artesanato familiar.

E isto deve-se a várias causas: — ao acentuado *minifúndio*, com um parcelamento tão pronunciado que nem sequer se pode pensar na possibilidade da monocultura, em grande escala;

— à circunstância de cada família produzir, antes de mais, a variedade de produtos que necessita para o seu próprio sustento; e

— à configuração geográfica do terreno, em socacos, que, além do minifúndio, que já indicámos, não permite a mecanização do campo, e a criação de gado em grande escala.

Estes factos geram a ruína, e causaram o desânimo, realidades com as quais o homem não tenta as reformas de estrutura que se impõem.

Não será este o caso do Minho?

A emigração alindou a Galiza, mas não aumentou a sua riqueza

A emigração é a saída normal do habitante da Galiza, e a pro-

vincia continua pobre.

Continuamos a nossa viagem na linda província da Galiza, e fixamo-nos no problema económico. Como vimos, a agricultura é pobre, e não se faz a exploração científica pelas razões apresentadas.

Que faz então, o habitante da Galiza? Emigra. A emigração é um fenómeno palpável e vital.

A emigração nessa província iniciou-se nos princípios do nosso século e fazia-se, sobretudo, para Cuba e para a Argentina. Dos que emigraram, uma minoria deles conseguiu vencer e criar bons negócios, mas ficaram em Cuba e na Argentina.

A maior parte voltou, e do pouco dinheiro que trouxe *mechorou* a casa ou o eido, sem que saísse da miséria.

A emigração actual faz-se para a Europa, e os que partem levam a ideia de regressar.

Entram caudais de divisas na Galiza, vindas da França, de Bélgica, da Alemanha e da Suíça.

Somam, estas divisas, no fim do ano, centos de milhares de pesetas, que entram nos Bancos ou nas Caixas de Aforro.

Há dinheiro, e a riqueza da Província não aumentou.

Qual a prova desta afirmação? É só esta: ninguém investe dinheiro na indústria, e, portanto, não há lugares para a colocação da mão de obra.

E os Bancos utilizam os depósitos para financiar a indústria noutras províncias, onde lhes pareça mais rendoso!

E desta maneira, sendo a Galiza uma província com qualidades para nela se desenvolver a agricultura e a pecuária, tendo mão de obra abundante, e tendo os seus bancos com milhões e milhões de pesetas, a Galiza continua no último lugar económico das províncias de Espanha...

O dinheiro não a serve.

Por que razão, havendo dinheiro, a Galiza é pobre...

Proseguindo na nossa visita à vizinha província da Galiza parece-nos que ela nos apresenta pontos de referência de muita importância para a nossa província do Minho. Havendo na Galiza um enorme caudal de dinheiro, proveniente dos emigrantes, dispersos pela França, República Federal Alemã, Suíça e Bélgica, essa província é, no entanto, das de mais baixo nível económico de Espanha. Dinheiro não falta, porque os Bancos estão abarrotados. Como explicar então o fenómeno?

Tudo, neste mundo, tem explicação, e este é um deles.

A primeira das razões é esta: a rotina em que vive o habitante da Galiza, é a *desconfiança* que nele se gerou devido a séculos de abandono.

A segunda razão é esta: o emigrante investe o seu dinheiro numa actividade já crónica e tradicional, como é a da construção. Edificar uma casa e viver da renda é já ambição histórica do emigrante.

(continua na 5.ª página)

A VOZ de MELGAÇO

Chefe da Redacção e Editor:

CARLOS ANTONIO VAZ

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA
Redacção e Administração Interinas — Resid. Paroquial — Melgaço

Propriedade e impressão: «Empresa do Diário do Minho, L.^{da}» — Braga
Avença

Director e Administrador:

JULIO HILARIO VAZ

Custo da Assinatura Anual: 30\$00
Assinatura Anual para o Estrangeiro: 70\$00

ANO XX — N.º 355

Melgaço, 15 de Junho de 1966

Pela Igreja de Jesus

MAS ISTO É SUBLIME !

Foi em terras de missão e conta-no-lo a revista Catolicismo.

A mãe estava gravemente enferma e desejava ardentemente receber o Senhor, como viático.

E se tu fosses já, já, chamar o Snr. Padre Missionário pediu ela a seu marido. — Mas eu não posso. São dois dias de viagem e ninguém fica à tua beira para te ajudar.

O filho novo ainda ouviu. E teve uma inspiração: — Sair ele à procura do Missionário. Escreveu um bilhetinho, nestes termos: — Pai, eu vou procurar o missionário; leve o teu revolver e o anjo da guarda fará tudo por mim. Não te preocupes. E colocou o bilhetinho sobre a sua cama, olhou para sua mãe e partiu. Foram dois dias de penosa viagem. E ao cabo, bate à porta do missionário e pergunta: — O Snr. Padre está? — Oh não, partiu em visita às missões e não está.

Olha, vem tu, depressa levar o Senhor a minha mãe que está muito doente. — Mas eu não posso. Só os sacerdotes é que podem levar o Senhor.

O menino vai à capela da missão. Ajoelha, vai ao sacrário, toma uma partícula consagrada e, avança, corre, a ver se a mãe ainda está viva. E corre, corre muito. Já perto da sua palhota, cai extenuado pela fadiga... Mas tem uma lembrança. Dispara a pistola. O pai ouviu os tiros e corre também... Era o seu filho. Ali estava ele, extenuado, prostrado em terra, mal podendo falar. Ministrou-lhe os primeiros socorros, levantou-o e foram para casa.

Mãezinha, trago-te aqui o Senhor. Olha, o Senhor. E deu o Senhor a sua mãe. Que é feito desse rapaz? — Hoje é sacerdote. Os caminhos de Deus!...

VITÓRIA. — A Juventude da cidade de Vitória, na Espanha, prestou homenagem a um seu companheiro, valoroso campeão de corrida, Esteban Arribas, que deixa a sua Pátria e vai para Angola como missionário secular. Foi uma festa que deu brado. No teatro, as delegações de grupos desportivos, organizações católicas e muita gente. Na Presidência, o Snr. Bispo da diocese. E entre a alegria e a camaradagem de todos, lembram-se naquela maravilhosa sessão, a vida desportiva do rapaz, as suas qualidades de carácter e de homem de Deus.

Um rapaz mais que deixa a

sua terra e os trofeus das suas vitórias e vai para África, se vir a Deus, como missionário leigo.

Mas teria algum desgosto? — Sim, devemos dizê-lo: — o grande desgosto de ver uma África imensa e com poucos missionários. Mas isto não é bonito?

NO SÁBADO. — Em Espanha, vários Senhores Bispos autorizam já a ouvir no sábado a missa de preceito, em virtude de, no domingo, terem de ausentar-se por motivos de turismo, desportos, etc., São missas especiais e requerem razão suficiente. Conforme as necessidades, a Igreja vai, dentro do possível, adaptando-se às necessidades do tempo.

ESTAMBUL. — O Patriarca Atenágoras decidiu que o Santo Padre de Roma seja nomeado na liturgia ortodoxa, como Patriarca do Ocidente, e Primeiro Patriarca exactamente como nos primeiros tempos da Igreja.

(Continua na 4.ª página)

Nossa Senhora DA GUIA

Aveleira

No próximo dia 26 — último domingo do mês de Junho, daqui para o futuro — realiza-se a festa de Nossa Senhora da Guia, na Aveleira.

Do programa geral consta: No-vena preparatória a começar com Missa vespertina no dia 19 — Domingo — e Missa de manhã cedo nos restantes dias com reza do terço à noite.

No dia 26 — dia da festa — haverá Missa rezada às 10 horas e Missa Solene às 12 horas.

O local da Aveleira está servido por estrada chegando os carros ao recinto da capela e costuma ser muito visitado no dia da festa.

Lembra-te de Nossa Senhora da Guia, faz as tuas promessas com fé e amor!...

Se pretendes lá alguma Missa dirige-te ao Pároco de Gave, para tomar nota para o próximo ano.

Por Santa Rita, 13

Uma grande festa!...
Muitos fiéis junto da veneranda imagem...
Uma grande procissão...
O coro, imponente!...
Os teólogos de Orense...
52.000\$00 de ofertas!...
Mas fazem falta 20.000 contos...

A festa deste ano, em honra de Santa Rita, atingiu uma elevação rara. Não tivemos a honra de vir até junto de nós, Sua Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo de Orense, como nos tinha prometido, pois à última hora, teve de ir a Madrid, para tomar parte numa reunião de Snr. Bispos espanhóis.

Mas foi muito grande. Muitos fiéis, muitas ofertas, uma grande procissão, estrada acima, muita devoção e a certeza de que, com o auxílio de D. us, as obras que se estão a erguer, irão ao fim, para serviço de Santa Rita e do Senhor.

Temos de continuar. Com a mesma fé, antes com mais fé ainda, pois de Lisboa, recebemos, há dias, uma carta, a dizer-nos que não podia, neste momento ser considerada a nossa obra, em virtude de se estar a dar possibilidade de juntar os rapazes surdo-mudos educáveis, ficando para depois os anormais. Claro nos ficaremos com os anormais. São os mais infelizes. E serviço de Deus. Notícia triste, na verdade. Mas nós temos de continuar, ter muita confiança na Santa dos Impossíveis que há-de ajudar-nos a levar a esta obra até ao fim. Até aqui viemos só, com a ajuda de Deus e do nosso Bom Povo.

Houve muitas comunhões, pela manhã acima e aqui estiveram vários sacerdotes a ouvir os penitentes. Infelizmente, a muita aglomeração de fiéis e a pouca dimensão da nossa igreja, não deixavam fazer serviço cómodo. Mas fez-se tudo o melhor que se pôde.

Na missa solene, ao altar, está Monsenhor Mouta Reis, muito digno Reitor do Seminário de Teologia de Braga.

Acolitaram os dois novos sacerdotes desta freguesia, Snr. Padres António Esteves e Carlos Nuno.

No coro, 35 teólogos de Orense com os seus trajes característicos e numa harmonia e pureza de vozes que a todos elevou. E no púlpito, na hora da pregação, Sua Paternidade Rev.ª o Senhor Dom Abade de Singeverga. Já aqui vieram pregar como Bispos o actual Snr. Arcebispo de Miti ene, Auxiliar do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o Snr. Bispo Auxiliar de Braga. E também

já cá esteve o Snr. Arcebispo, então Auxiliar do Senhor Dom António Bento Martins Júnior.

Fizeram-se algumas obras, não tantas como fazem falta, mas já avançamos um pouco mais e parece que nós, sózinhos. Lá para daqui a dois anos, poderemos inaugurar a obra. Deus nos ajude!

E porque não? Quando começamos havia ali uns 80\$00 e já se fez muito. Não havia então o dinheiro que hoje circula na nossa terra.

Mas a procissão foi magésta. Parece-nos que nunca fóra tão grande, tão recolhida e fervorosa.

Damos rendidas graças ao Senhor. Por Santa Rita, Lhe pedimos nos ajude, agora que de Lisboa nos veio a triste notícia. São Paulo dizia: — Tudo posso em Cristo. Pois, se queremos uma obra de Deus, pois, se o Senhor nos mandou ol' a: de presença pelos mais pobres dos nossos irmãos, porque nos havia Ele de faltar?

Gracias pois a Deus. Gracias também a todos os que aqui vieram trazer a sua oferta, as grandes, como as modestas. O Pobre dá mais do que nós. Muitas vezes tudo quanto tem. E' a oferta da viúva do evangelho.

Seremos então capazes de ter esta Casa pronta daqui a dois anos. Verdade?

Vamos trabalhar para isso. Com a graça de Deus e a protecção de Santa Rita.

Muito obrigado.

P. Carlos

Pelo Hospital

Brevemente daremos notícias sobre o nosso hospital e obras a fazer.

Fomos obrigados a uma paragem, mas vamos ver se retomamos brevemente o ritmo dos trabalhos. Para já, queremos dizer a todos os amigos desta Santa Casa que foi entregue a igreja do Convento à Corporação Fabriqueira da Vila, como se resolvera em assembleia de irmãos.

Parece-nos que libertamos assim as Mesas desta Santa Casa dum grande responsabilidade: — a conservação dum templo, com que não se podia. Várias vezes deu origem a reclamações o seu estado de conservação e todas as Mesas fizeram o que lhes foi possível. Mas não podiam mais.

Fica-nos a igreja da Misericórdia além de dois oratórios, e vamos ver se nos é possível fazer já alguma coisa por ela, já que também tanto precisa.

Do nosso estimado amigo, sr. Amílcar José Fundinho, digno comerciante em Lisboa, recebemos para o nosso Lar dos Velhinhos muitos cigarros e uma garrafa de vinho do Porto. Muito obrigado. — P.e Carlos.

Pároco de Paços

Fomos informados de que vai ser transferido para a freguesia de Alvarães em Viana do Castelo, o Sr. Abade de Paços.

É uma distinção para Sua Rev.ª. Mas é para nós motivo de pesar. O Sr. Padre António Fernandes, de Paços, foi um pároco muito distinto, numa docção total e perfeita.

A vida espiritual da paróquia tinha as premissas da sua alma e no plano material, sobretudo o problema da residência mereceu ao querido Amigo um cuidado muito grande.

Deve ser muito penoso não ver totalmente acabada uma obra, mas é um prémio ver já tanta coisa feita, com a dedicação do seu bom Povo.

Ao querido Amigo, os nossos parabéns, com os votos de muitas felicidades no seu novo apostolado.

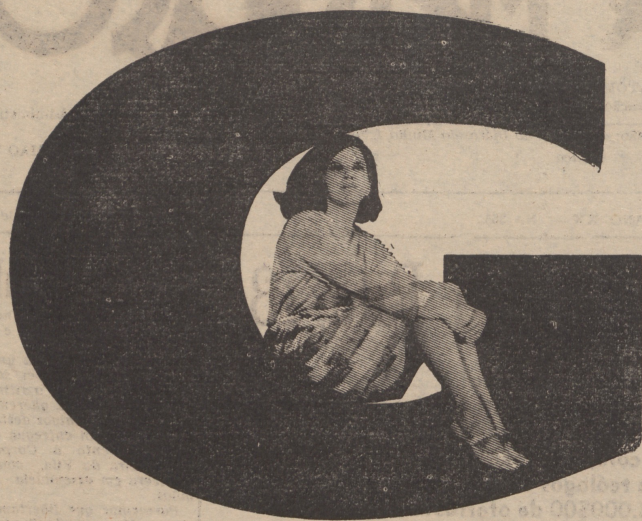
CHAVIÃES, 10

Meus amigos e conterrâneos desta linda freguesia de Chaviães. Há bastante tempo que vos não dou as habituais notícias daqui porque não tenho tempo disponível. Vós bem sabeis que esta época é de muito trabalho. Faço-o hoje para vos pôr ao corrente do que por esta nossa terra se vai passando. Entre outras notícias há uma que

vós, concerteza, já tendes conhecimento e é muito importante. Nela está a boa fama e o seu engrandecimento obrigação que todos nós temos como bons Chaviãenses.

Ora trata-se nem mais nem menos do restauro da residência paroquial e respectivo salão paroquial, melhoramentos estes in-

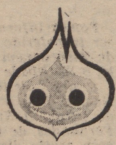
(Continua na 4.ª página)



Gás Mobil chama e fama

**CAMPANHA
DOS
SANTOS
POPULARES**

**A QUEM FIZER O SEU
CONTRATO, DE 1 A
30 DE JUNHO, OFERTA
DE UMA GARRAFA
DE GÁS MOBIL.**



CLICK!

sai sempre à pressão!

Mobil Oil Portuguesa

AGRADECIMENTO

A Família de Isabel Maria da Silva, vem por este meio agradecer a qualquer pessoa a quem involuntariamente o não fizeram individualmente, por falta de indicação da morada e ilegitimidade da assinatura.

Casa dos Magistrados

Foi declarada a utilidade pública e urgência de duas parcelas de terreno para a construção da Casa dos Magistrados nesta vila. Oxalá não demore a sua construção, pois S. Ex.ª o Senhor Ministro já preveniu o país de que estas facilidades que hoje temos para semelhantes construções podem acabar, visto que estamos em guerra.

CARTA DA VILA

FESTAS DO CONCELHO — Nos próximos dia 18, 25 do corrente e 2 de Julho, dará o Rádio Club Português através das suas emissões das 14,30 às 14,45 horas o resumo do programa das grandiosas Festas do Concelho que se realizam nos dias 29, 30 e 31 de Julho nesta vila de Melgaço.

Atenção pois, ao Rádio Club Português nos dias 18, 25 do corrente e 2 de Julho das 14,30 às 14,45.

FALECIMENTOS — Na sua residência em Ponte do Lima, faleceu no passado dia 6, uma figura típica daquela vila sr. José Alves Franco (o Zé Ferreira), viúvo de 88 anos de idade, industrial de serralharia mecânica.

O extinto, pessoa de prestígio e respeitabilidade no meio em que vivia, pelas suas qualidades de carácter, bondade e trabalho, era tio da s.ra D. Anália França Lourenço, casada com o nosso conterrâneo sr. Manuel Lourenço, conceituado comerciante desta vila.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte foi largamente concorrido por muitas centenas de pessoas de todas as categorias sociais de Ponte do Lima e de outras localidades, tendo-se também incorporado no féretro a Associação Mútua dos Artistas e um Piquete dos Bombeiros Voluntários, corporações a que o extinto pertencia.

—No dia 25 do mês findo, também faleceu na sua residência do lugar do Outeiro, freguesia de Paços deste concelho o sr. Daniel Meleiro, de 81 anos de idade, casado com a s.ra Carlota Joaquina de Sousa.

O extinto era geralmente estimado e gozava de gerais simpatias, era pai dos srs. António, José, Amadeu, Manuel, Júlio, Augusto, Bento e Henrique Meleiro e de Maria Meleiro.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte foi muito concorrido, tendo-se incorporado no féretro muitas pessoas de todas as categorias sociais.

As famílias em luto o nosso cartão de sentidos pésames.

CRIANÇA QUE FRACTUROU UM BRAÇO — No dia 28 do mês findo, quando brincava com outras companheiras na Praça da República desta Vila, deu uma queda e fracturou o braço esquerdo a menor de 9 anos Maria José Gonçalves Pereira, filha do sr. José Eugénio Gonçalves Pereira, industrial de alfaiataria e da s.ra Maria de Lurdes Ferraz Pereira. Foi transportada ao hospital da Misericórdia, onde foi socorrida, regressando depois a casa.

DR. MARIO DE BRITO — A fim de presidir a vários processos civis e crime no tribunal desta comarca, tivemos o prazer de ver entre nós o sr. Dr. Mário de Brito meritíssimo Corregedor do Circulo Judicial de Viana do Castelo.

VISITANTES — De visita às suas famílias vimos nesta vila os senhores: Dr. Orlando Guedes da Costa, Delegado do Procurador da República em Mirandela, acompanhado de sua esposa D. Maria Fernanda Esteves Teixeira Guedes da Costa; Dr. Oliveiros Rodrigues, Conservador do Registo Civil e Predial em Paredes de Coura; António Ribeiro, escrivão de 1.ª classe do Tribunal do Trabalho da cidade do Porto; Dr. Alpidio Gonçalves, Notário, em Carrizado de Ansiães, acompanhado de sua esposa D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves, Professora do Externato Liceal daquela localidade; Francisco José Ribeiro, empregado comercial em Lisboa e Armando Lopes, acompanhado de sua esposa D. Maria de Lurdes Lourenço Lopes e filhos, residentes na cidade do Porto.

VINDOS DO BRASIL — Encontram-se nesta vila, vindos do Rio de Janeiro (Brasil), há poucos dias, em visita às suas famílias os nossos amigos e conterrâneos srs. Alfredo José da Rocha (Pinga) agente comercial e representações, e Manuel José Gonçalves, industrial naquela cidade.

ANIVERSARIO — No passado dia 6 festejou o 3.º aniversário natalício o menino Victor Manuel Cerdeira Lourenço, filho do nosso amigo sr. Manuel Augusto Cerdeira e da s.ra D. Maria Fernanda Lourenço Cerdeira. Os nossos parabéns.

CASAMENTOS — Por notícias recebidas da nossa provincia ultramarina de Moçambique, sabemos ter-se realizado na Catedral de Lourenço Marques o enlace matrimonial da menina Carmen Rosa de Carvalho Costa, filha do nosso amigo e conterrâneo sr. José Adriano da Costa, residente naquela cidade, com o sr. José Luís da Silva Zurarte. Ao gentil casal, desejamos muitas felicidades.

—Também no passado dia 2, se realizou no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro na cidade de Braga o enlace matrimonial do nosso amigo e conterrâneo sr. Sebastião Oscar da Costa Cerdeira, (Guarda Fiscal), com a menina Maria da Conceição Gonçalves, comerciante da freguesia da Bela — Monção.

No fim do acto o cortejo nupcial dirigiu-se para um dos melhores restaurantes daquela cidade onde foi servido um lauto jantar ao grande número de convidados, que ali se deslocaram. Os noivos que são dotados das melhores qualidades

(Continua na 3.ª página)

CARTA DA VILA

(Continua na 2.ª página)

e simpatia e que seguiram em viagem de núpcias para o sul do país, desejamos-lhes muitas felicidades de que são dignos e uma perene lua de mel.

DELIVRANCES — Na maternidade do hospital desta vila, tiveram há dias a sua feliz deliverance dando à luz uma menina, cada parturiente as nossas conterrâneas, sr.as Jósena Cerdeira Vilas, esposa do sr. Arlindo Augusto Vilas, industrial desta vila, e Maria de Lurdes Carvalho Araújo, esposa do sr. Armando de Araújo, ausente em França. Mães e filhas, encontram-se bem. A seus pais e avós, endereçamos os nossos parabéns.

SALMOES NO RIO MINHO — Tem sido pescados na parte do Rio Minho, que banha a freguesia de Paços, ultimamente, salmões e que tem sido vendidos na vizinha Vila de Monção. Em virtude da época ser adiantada, tem sido comentado muito o caso pelos nossos pescadores, de água doce...

Viagens para França

SIDAS TODAS AS SEMANAS

MELGAÇO-PARIS Segundas e Quintas
PARIS-MELGAÇO Segundas e Quintas

Informações:

Melgaço: João Hilário Gonçalves
Casa Samaritana — Telefone 42308

Monção: José Torres
Escritório da Auto Viação Melgaço
Telefone — 106

Arcos de Valdevez: Salvador Alves Pereira
Garagem Salvador — Telef. 45116

Paris:
Agence Centrale
37 Bd. Henri IV — Paris 4.
Telefone 272.65.24 — Métro Bastille

Banco Fernandes de Magalhães

PORTO

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 23 a 39
Telex., 755 MAGA - PORTO — End. Teleg., MAGA
Telefones, 28241 (5 linhas)

DEPENDENCIAS

R. Sá da Bandeira, 17 a 19 — Telef. 28241

« S. BENTO » Rua das Flores, 332 Telef. 21861

« BONFIM » P. Almeida Garrete, 6 28241
Rua Fernandes Tomás Telef. 53452

(Edifício Ouro)

CORRESPONDENTES

em todo o País, Ilhas, Ultramar e no Estrangeiro

UMA DAS MAIS ANTIGAS ORGANIZAÇÕES
BANCARIAS DO PAÍS

SOCIEDADE Aniversários

Fazem anos: amanhã, António Barbetos da Silva Júnior, no dia 17, D. Aurora Elvira Alves de Moraes, D. Maria José Inácio; e Joaquim António Pereira Rodrigues; no dia 18, D. Maria da Conceição Bernardes; no dia 20, prof. Abílio Domingues e Alfredo Domingues; no dia 21, Emídio José de Castro; no dia 22, José Eugénio Gonçalves Pereira Júnior; no dia 23, D. Maria Luisa Inácio, e José Manuel Calhetos; no dia 25, Manuel Augusto Pinto; no dia 26, José Manuel Gomes Calhetos; no dia 27, D. Maria de Lourdes Moraes; no dia 28, Armando dos Passos Pereira; no dia 29, D. Clara de Jesus de Sousa Lobato e D. Maria Fernanda Pinto da Silva e Manuel Pinto (Chaviães); no dia 30, D. Maria Joaquina Alves Soares e Armando da Mota Solheiro.

BAPTIZADO

No passado dia 28 de Maio, realizou-se na igreja de Paderne o baptizado da menina Rosa Cristina Ranhada Domingues, filha do Senhor Professor Alvaro Domingues e da sua esposa, senhora D. Maria Júlia Domingues Ranhada e Domingues. O baptizado realizou-se às 6 horas da tarde, tendo sido servido, depois, um copo-de-água, em casa dos pais da neófito.

Foram padrinhos, seu tio, senhor Doutor Joaquim Alves Moreira, médico especialista, na cidade do Porto, e sua priminha, a menina Isabel Maria Ranhada Moreira. Estiveram presentes, várias pessoas de família e alguns amigos.

A cerimónia foi realizada, pelo pároco da freguesia, senhor Padre Albertino Pereira.

A neófito é neta paterna de Manuel José Domingues e de Maria Esteves (falecida) e neta materna de Mário Bento Ranhada e Isabel Domingues Ranhada.

Dr. Alexandre Amorim Advogado
Herculano Lima da Silva Solicitador

Com escritório nesta vila

Dr. Rodrigo Moura Advogado
Manuel António Ribeiro Solicitador

Largo Hermenegildo Solheiro

Correspondência de Prado

Visita agradável — Com o fim de colocar no mercado em todo o país e no estrangeiro todos os produtos que esta tão linda terra do Alto Minho produz como seja a principiar pelos deliciosos vinhos, verdes brancos e tintos; fui surpreendido em 27 do p. p. pelo Sr. Carlos Barbosa Martins, assistente do jornal que o acompanhavam seus filhos e sócio Este Senhor é funcionário superior da firma J. L. Ferreira Ltda. veio propositadamente de Lisboa acompanhando seu filho e sócio gerente de um importante armazém com sede em Lisboa e um dos sócios. Esse filho é o sr. Bento Octávio Barbosa Martins, o sócio que o acompanhou é Fernando Pinto de Sousa. E o maior desejo daquele gerente, que é natural de Alvaredo, dar o máximo progresso à terra que lhe serviu de berço, como tal se compromete a tomar compromissos para tal fim. Em primeiro lugar desejava vender tudo quanto se produz em Melgaço. Como lhe é impossível visto em Melgaço não ter sido criada a Adega Regional comprar vinho visto pretendendo vinhos envazilhados até 5 litros, vinhos esses, que pretendem nas nossas províncias ultramarinas, continente e estrangeiro, resolveram que os acompanhasse no dia seguinte à Adega Regional do vizinho concelho de Monção o que fez, apresentando-os a muitos velhos amigos tendo-nos mesmo apresentado à Direcção daquela Adega Regional.

E nosso dever manifestar o agrado como fomos recebidos por Suas Ex.as membros da Direcção, os quais com todo o prazer declararam que tudo faziam para satisfazer os desejos, em especial por se tratar de dar o máximo progresso aos produtos desta região do Alto Minho, tudo foi dito em resposta ao exposto por aquele sócio gerente.

Seguiram-se as provas o que muito apreciamos visto qualquer doente poder fazer uso delas; o vinho é puríssimo não fazendo mal a qualquer padecente. Pena é que em Melgaço não seja criada a Adega Regional também, seguindo assim o exemplo do

concelho de Monção e de outros concelhos onde ela já existe para assim o viticultor ter onde vender as suas uvas e o próprio vinho. Se isso existisse não seria tanto prejudicada a viticultura. Há adegas que ainda não conseguiram vender os seus vinhos, os quais em Janeiro o seu preço era de 1.000\$00 e 1.200\$00 cada 500 litros e hoje só o pagam a 800\$00 e 900\$00 por igual quantidade, mas para tal tem de ser vinhos de 1.ª e ainda assim não aparecem compradores, para poder ser transaccionado.

Como a gradação é baixa não se aguenta, em virtude de as uvas não terem sido seleccionadas e bem maduras, de um momento para o outro estraga-se, causando uma perda total de um ano de trabalho, acrescido de grandes despesas, como seja em sulfato, enxofre etc., não falando na mão de obra que está caríssima. Se fosse fabricado por técnicos especializados nas Adegas Regionais, os quais escolhem as uvas, já isso não acontecia e os proprietários tratariam com mais satisfação, visto terem os seus lucros garantidos.

Sobre a pecuária também nesta região se podia dar um grande impulso, poderia-se aumentar a alimentação para os gados, aproveitando-se as águas dispersas nas abas dos montes, tanto das Juntas de Freguesias como de particulares, substituir a velha carrameja e carrasca que nada alimenta por autênticos pelos de feno e outras ervas que tão úteis são para alimentação dos gados.

De ano para ano veríamos aumentar uma riqueza, que se encontra abandonada, não sendo só útil para os habitantes das freguesias e proprietários como também para a Economia Nacional. Por conseguinte é nosso dever auxiliarmo-nos mutuamente uns aos outros, sermos unidos, com a união de todos tudo se consegue, para que aqueles que se vêem obrigados a emigrar verifiquem que com o pouco que temos, sendo aproveitado, também se vive nesta tão linda terra onde principia a Nação Portuguesa.

M. S.

RAPAZ

Com dezanove anos, curso comercial com alguma prática conta corrente, deseja emprego compatível. Se algum dos nossos estimados assinantes ou leitores puder oferecer esta oportunidade, muito grata ficaria a Direcção de «A Voz de Melgaço».

RENOVAMOS A CADA DIA A NOSSA TRADIÇÃO DE BONS SERVIÇOS

CORRESPONDENTE NO BRASIL

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.
Rua do Ouidor, 86 — Rio de Janeiro



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA

AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ — CHAVES
— COVA DA PIEDADE — ELVAS — PENICHE
— TOMAR — VILA DA FEIRA — FÁTIMA

CHAVIÃES 10

(Continuação da 1.ª página)

dispensáveis e que todos os bons filhos desta terra não se vão escusar a contribuir com o máximo das suas posses para esta obra. Entre os muitos e indesejáveis fins a que ela se destina digo-vos os mais importantes. A residência do nosso rev.do pároco está uma vergonha para nós: toda esburacada, chove dentro, com as madeiras podres, enfim não pode ali viver, a continue assim.

O salão paroquial é também indispensável para ensinar a catequese aos nossos filhos e netos educação esta que vós, como pais e chefes de família, o reunis, vai servir também para reuniões paroquiais, para conferências católicas que são indispensáveis para a boa formação dos nossos filhos e netos.

Por esta explicação já podeis avaliar o grande valor e utilidade desta obra. E como todas estas coisas se fazem com dinheiro e hoje que os salários estão altos em pouca coisa se gasta muito dinheiro.

A digna comissão da qual eu tenho a honra de pertencer dirige-se a vós e em especial a todos que fora da vossa terra e no estrangeiro trabalham, apelando para a vossa boa vontade e grande bairrismo porque não esqueceis, tenho a certeza, a terra que vos serviu de berço que na ocasião oportuna ides ser generosos dando o mais que puderdes porque é uma obra que nos honrará de futuro no meio das outras freguesias de Melgaço.

Demos todos um viva a Chaviães. Avante pois amigos! Solidários e não recuar porque é corardia. Dos fracos não reza a História.

No próximo número já vos informarei de mais pormenores como sejam as boas ofertas que por aqui há deste bom povo e a lista da comissão angariadora de fundos e outras notícias que muito gostareis.

Vamos ter uma feira de gado — Já não é novidade para ninguém que eu há dois anos ventilei por várias vezes na «Voz de Melgaço» a grande necessidade que há de termos aqui uma feira de gado para as freguesias raianas pois as actuais ficam muito longe, causando assim muito prejuizo aos interessados. Apelei para as respectivas autoridades paroquiais por várias vezes a fim de se organizarem as coisas e ninguém me respondeu. Ou não sabem ler ou... Agora apareceu alguém de boa vontade e bom bairrista que já deu começo a

essas coisas e creio que vai ser um facto. Tendo nós aqui dois magníficos recintos um para verão e outro para inverno, a 40 metros da estrada nacional e com bons caminhos de acesso não faz sentido nenhum ir com os animais tão longe. Para que esta feita seja uma realidade é preciso a colaboração de todo o povo destas freguesias e só terão a lucrar.

Quem de direito já nos ajudará em tudo que for justo. Para ser conhecida ao longe há que noticiá-la em todos os jornais até Braga. Girândolas de fogo e uma festa bem programada.

A festa da nossa Padroeira S. Maria Madalena — Breve começará a comissão festeira a percorrer a freguesia à procura de donativos para a sua realização. Reina aqui muito entusiasmo porque o seu programa em elaboração consta que vai ser muito importante. Mas como ainda a respectiva festa está distante não é de nós conhecido. Na devida altura se publicará.

Alegria na zona — Meus amigos, o nosso estradão Vizo-Igreja, Cemitério foi dotado por quem de direito com cincoenta mil escudos. Portanto é uma bonita verba para o seu melhoramento que bem precisa. Pedimos e agradecemos que nos oçam e escutem.

Falecimento — Confortada com os santos sacramentos da Igreja, finou-se no pretérito dia 25, a sr.ª D. Maria Rosa Cortes, mãe muito estremecida do importante capitalista e grande benfeitor e presidente da comissão de melhoramentos desta freguesia. Dotada por Deus de excelsas virtudes o seu desaparecimento deixou em quase todos um profundo sentimento de tristeza. Seu querido filho, sr. Amadeu que tanto gosto tinha em lhe festejar os cem anos pois tinha 98, não teve essa felicidade. Mas quem manda é Deus. Paz à sua alma.

No seu funeral que foi concorridíssimo incorporaram-se todas as confrarias aqui existentes as quais a extinta pertencia.

A toda a sua família e em especial ao nosso grande amigo e benfeitor sr. Amadeu Abílio Lopes, os nossos sentidos pésames. pede-se uma prece por esta excelsa senhora.

Baptizado — Houve o de uma menina que recebeu o nome de Maria Amélia, filha do nosso amigo sr. Manuel Pereira e sr.ª Maria Gonçalves e foi no pretérito dia 29. — (C.).

Parada do Monte, 12

Nascimentos — Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª Maria da Conceição de Lima Vicente, esposa do sr. Manuel Lima Antunes da Rocha, a qual recebeu o nome de Maria da Ascensão Vicente da Rocha. Foi padrinho Cesário Esteves e madrinha Maria das Dores de Lima Vicente.

Também deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª Maria Pires, esposa do sr. Manuel Vaz do lugar do Casal.

Comunhão — No dia 5 foi a primeira Comunhão de muitos meninos e meninas dos 6 aos 7 anos.

Damos os nossos parabéns ao nosso querido Pároco que foi incansável e zeloso na preparação

das criancinhas para fazerem a sua primeira Comunhão.

Ao evangelho, pregou o sr. P. Manuel Domingues, que fez um sermão que muito agradou.

Vindos de França chegaram a esta freguesia os srs. Noé Esteves, Armindo Pires, Manuel Domingues, Justino Esteves e Oliveira de Carvalho.

Partidas para França — Partiram os srs. Manuel José Vieites, José Rodrigues, Ermindo Esteves e Armindo Rodrigues.

O tempo e a agricultura — Tem feito um tempo péssimo. Chuva, frio e vento, o que não é próprio da época. Principalmente para os vinhedos, mas muito especialmente para os que estavam pugnando. Esses a maior parte vão-se embora. — C.

NOTÍCIAS DE S. PAIO

Faleceu no lugar do Amial, no dia 4 do mês corrente, o senhor Avevino Marques, com a idade de sessenta e um anos de idade, onde tinha muita simpatia para toda a gente, entretanto trabalhou todo o ano e ele dizia que era sinal da sua morte. Paz à sua alma.

— Na noite de nove, ao amanhecer para dez, na casa de Maria de Figueiredo, da Carpinteira, moradora em Castro Laboreiro, desceu uma trave do cume onde eslaviam uns infelizes e pobres, uma mãe com dois filhinhos. E a infeliz, que se chamava Dionísia.

O vizinho do lado — o Zé cas-Sapateiro, da Carpinteira, quando sentiu o estrondo, veio descalço, arrastá-los por um buraco da parede como a quem arrasta um gato dum buraco à pobre Dionísia e aos seus filhinhos sem cor. Os ferimentos foram poucos, num filho mais velho.

Apareceu o senhor António da Santos Lima, da sua casa e disse: «O Olvívia, vou-me por a pé que anda a raposa no poleiro, e quando saiu fora, viu as criancinhas a raptar e levou-as para a casa, para tratamento. Os ferimentos foram poucos, graças a Deus.

Carpinteira — Cá se encontra o sr. Manuel Almeida, digno policia, de visita a seu pai e a sua mãe. O nosso abraço.

Mulheres da Carpinteira! podeis estar contentes que de aqui a poucos dias já não ides jogar a bola com o caneco à fonte da Freira, que é muito acima que agora imos ter um fontanário nas Alminhas do Rego, margem da estrada, para dar de beber a quem passa, porque há dias, esteve aqui o Senhor Engenheiro, com um Senhor da Câmara e outro Senhor da Junta, e agora sei que isto segue, porque o fontanário da Carpinteira já fora projectado em 1941, mas agora, graças a Deus que vai.

— S. Paio está a progredir! Temos a estrada quase à porta da Igreja. Que riqueza é para a freguesia, que muita gente reclamou.

Eu sempre desejava, que quando morresse, ir por estrada e ela aí vem!

— E agora vou falar a respeito da lavoura.

O lavrador anda de noite e de dia, o que este ano valeu foram os tractores, onde eu fui a uma porta saber dum filho, do sr. Zé do Bento Nogueira, lavrador, de setecenta anos, pois o filho comprou um tractor para os trabalhos da lavoura.

Porque o filho nasceu do bom tronco se não fossem os tractores, o lavrador podia ir pedir uma esmola, porque gente não há e o tractor faz tudo e poupa gente.

Abençoado homem que inventou os tractores, porque os homens querem oitenta escudos por dia e comer, e os jornaleiros querem quarenta escudos e a comer.

Agora como é que o lavrador pode resistir, o milho, a setenta e cinco escudos, o vinho só quer dar a vinte e cinco escudos.

O lavrador é o mais escravo e o mais mal estimado.

(Atrasada)

Faleceu no lugar da Carpinteira, em sua casa, Joaquina Rosa Soares, com a idade bonita de 82 anos. Paz à sua alma e à família, pésames.

Casamentos na freguesia de S. Paio — Casou Maria Almeida, da Carpinteira, com Francisco

Esteves, de Cristóval, onde serviram de padrinhos, Manuel Hernani Almeida, digno policia na cidade do Porto e madrinha Lurdes Alves, de Couso. Que façam um bom lar. Na boda a menina Maria Almeida tinha para cima de cento e quinze pessoas.

— Manuel Pereira, da Carpinteira, com a menina Rosa Fernandes, da Veiga, onde tiveram um grande almoço na casa do senhor Carlota, da Vila de Melgaço. Que sejam muito felizes.

Também casou, no lugar da Carpinteira, a menina Isaura Tábuas, de Bilhões, Rouças, com Amândio Carneiro. O almoço foi no senhor Carlota da Vila, que serviu muito bem.

Cá chegou a senhora Gracinda Domingues, da Veiga, de Bueno Aires, ela o seu marido, onde veio dar muita alegria à mãe e a sua irmã, sr.ª Domingues que a foram esperar a Lisboa.

Partiu para a França o senhor Norberto Rodrigues, da Costa onde deixou os seus pais bem aterrados; mas, se Deus quiser, há-de vir a abraçá-los, porque ele apegoou-se a Santa Rita que é a companheira dele para lá e para cá.

José e Esteves Pinto

Cristóval, 13

O tempo e a agricultura — Últimamente, tem caído muita chuva, frio, como nos meses de inverno, o que prejudica muito o vinho, pois encontra-se no estado de floração e não pode resistir ao frio e à humidade.

Os lavradores desta região, andam preocupados, com esta situação, pois até caiu neve, um destes dias, na Serra, o que causou grande admiração, por ser nesta época do ano. Continuam os nevoeiros matinaes, o que, segundo dizem, é um veneno verdadeiro, para fazer desaparecer, o tão precioso fruto, que a videira nos oferece, e que tanto apreciamos.

Escarvão de Lisboa — Passaram por esta freguesia, para Espanha, dois autocarros, com seus lugares completos, em 10 do corrente mês, pertencentes à empresa de João Cândido Belo, com sede em Lisboa. Segundo nos informaram os passageiros, ficaram encantados com a paisagem do Alto Minho.

Ambulância dos Bombeiros de Estarreja — Chefiada pelo chefe sr. Couto esteve nesta localidade uma equipa de bombeiros de Estarreja, que se faziam transportar numa nova ambulância que lhes custou à volta de 200.000\$00, adquiridos por subscrição. Resolveram vir até S. Gregório, para fazerem a «rodagem» ao novo veículo.

Segundo nos informaram, juntaram no espaço dum ano, 700 contos e vão dar início às obras dum novo quartel, em 21 de Julho do corrente ano, que está orçado em 2.000 contos.

Isto, revela bairrismo e espirito altruísta e humanitário, encontrando-se assim de parabéns a comissão organizadora, e os Bombeiros Voluntários de Estarreja, motivo porque «A Voz de Melgaço» lhes envia o seu cartão de felicitações.

Serviço provisório — Encontrase a prestar serviço provisoriamente na Aduana de Puento Bargas, o sr. Dr. D. Naçário Vilhalva, pelo espaço de um mês. O sr. D. Naçário, é natural de Biscaia. — C.

Pela Igreja de Jesus

Mas isto é Sublime!

(Continuação da 1.ª página)

ESPAÑA — A Gaceta del Norte recebeu, em menos de um ano, mais de mil ofertas de olhos «post mortem», com destino ao Banco Nacional de olhos da Cruz Vermelha.

BELGICA — Paroisse et Liturgie, da Abadia de Brouges, pede que os sermões e homilias sejam ilustrados, nas igrejas, com projecções, já que hoje os homens habituados como estão aos meios modernos de informação se deixam influenciar melhor pela imagem do que pela palavra.

BRUXELAS — Os servicos cinematográficos de Ensino decidiram crear em Bruxelas um cine-clube para religiosas, o que foi aprovado pela Hierarquia.

SALAMANCA — O Sr. Bispo desta cidade convocou todo o clero, da diocese para uma reunião, a fim de se formar o senado, como o desejava o concilio Vaticano II. Também se estudou o caso da Previsão do Clero, da situação do clero rural, em muitas partes do mundo o grande sacrificio, ajuda económica dos fieis, regime económico e pessoal dos Seminários, igrejas, e casas reitorias, obras diocesanas e outros assuntos de interesse pastoral comum.

RUSSIA — Apesar das grandes perseguições à Igreja (agora não querem tantos mártires!) a vida religiosa na Rússia, por ocasião da Páscoa, foi extraordinária de fé e entusiasmo. E na Polónia, apesar das restrições officiais, a viagem da veneranda Imagem de Nossa Senhora pelas terras do país, tem sido optética. A Igreja de Jesus há-de, há-de sobreviver.

No sermão pronunciado em Piekartie, Si'éria, perante umas 400.000 pessoas o cardeal Viszinski afirmou: — Respeito os direitos da Igreja católica na Polónia e nós respeitaremos os vossos. Se porém o equilibrio se romper, não seremos nós os culpados. Depois de 10 séculos de catolicismo, nós temos o direito de ser uma nação católica! Assim falou o cardeal numa nação em que governa o comunismo e são verdadeiras as liberdades religiosas.

O nosso aniversário

O Secretário Nacional de Informação enviou-nos cumprimentos de parabéns pela passagem do nosso aniversário.

Gratos.